

Leonardo Boff*

Nunca esquecer o sonho de Chico Mendes

A COP30 em Belém terminou com resultados insatisfatórios. No documento final é nulo o compromisso na diminuição gradual dos combustíveis fósseis e pela fragilidade de decisões no financiamento das políticas de minoração de gases de efeito estufa. Isso levou a numerosos cientistas e ecólogos afirmar: "Suprimir a menção dos combustíveis fósseis é traição à ciência e às pessoas mais vulneráveis e é incoerente com as metas até 2030". Mas houve alguns avanços, especialmente quanto aos 59 metas da adaptação, a inclusão das desigualdades de raça como componente da crise climática, a valorização das mulheres, dos afrodescendentes e povos originários na defesa da vida e principalmente o lançamento do Fundo Florestas Tropicais para Sempre (TFFF). Problema nunca resolvido é o do financiamento porque os países industrializados e ricos, os principais causadores do aquecimento global, se negam a colaborar de forma realmente eficiente.

Num contexto geral de impasse face ao acúmulo de crises que podem ameaçar futuro da vida e da espécie humana, lembramo-nos daquelas figuras paradigmáticas que nos inspiraram caminhos novos e nos dão esperança. Seguramente uma delas é Chico Mendes, tão conhecido mundialmente quanto é conhecido Pelé.

Ele era um lídimo representante dos povos da floresta e um observador atento da lógica da natureza. Nós que o conhecemos e com quem privamos na amizade, sabemos de sua profunda identificação com a floresta amazônica, com sua imensa biodiversidade, com os seringais, com os animais, com o mais leve sinal de vida da mata. Era um S. Francisco secular e moderno. Dividia seu tempo entre a cidade e a selva.

Mas quando estava na cidade ouvia fortemente o chamado urgente da selva, em seu corpo e em sua alma. Sentia-se parte e parcela dela. Por isso regressava de tempos em tempos ao seringal e à comunhão natural e cósmica. E aí sentia-se em seu habitat, em sua verdadeira casa. Tive o privilégio de fazer algumas penetrações na floresta amazônica do Acre, ocasião em que pude admirar a alma ecológica de Chico Mendes.

Mas sua consciência ecológica o fazia deixar, por algum tempo, a floresta para organizar seringueiros, fundar células sindicais e participar das lutas de resistência (os famosos "empates", estratégia pela qual os seringueiros junto com suas crianças, velhos e outros aliados se postavam pacificamente diante dos desmatadores e de suas máquinas impedindo-lhes de derrubar árvores).

Face à crise ecológica imposta à Amazônia

sugeriu em nome do movimento dos povos da floresta a criação de reservas extrativistas, aceitas pelo Governo central ainda em 1987. Era muito realista ao dizer: "nós entendemos - os seringueiros entendem - que a Amazônia não pode se transformar num santuário intocável. Por outro lado, entendemos também que há uma necessidade muito urgente de se evitar o desmatamento que está ameaçando a Amazônia e com isto está ameaçando a vida de todos os povos do planeta. Por isso pensamos numa alternativa de preservação da floresta que fosse ao mesmo tempo econômica. Então pensamos na criação da reserva extrativista" (cf. Grzybowski, C.,(org.) O testamento do Homem da Floresta: Chico Mendes por ele mesmo, FASE, Rio de Janeiro 1989,24). Ele mesmo explica como funciona este modo de produção: "nas reservas extrativistas nós vamos comercializar e industrializar os produtos que a floresta generosamente nos concede. A universidade precisa vir acompanhar a reserva extrativista. Ela é a única saída para a Amazônia não desaparecer. E mais: essa reserva não terá proprietários. Ela vai ser um bem comum da comunidade. Teremos o usofruto não a propriedade" (cf. Jornal do Brasil 24/12/1988).

Destarte se encontraria uma alternativa ao extrativismo selvagem que somente traz vantagens aos especuladores especialmente durante o governo de Jair Bolsonaro, hoje preso por tentativa de golpe. Uma árvore de mogno, cortada no Acre, custa de 1-5 dólares; vendida no mercado europeu custa cerca de 3-5 mil dólares.

Na véspera do Natal de 1988 foi vítima da sanha dos inimigos da natureza e da humanidade. Foi assassinado com 5 balas. Deixou a vida amazônica para entrar na história universal e no inconsciente coletivo dos que amam nosso planeta Terra e sua imensa biodiversidade.

Como arquétipo Chico Mendes anima a luta pela preservação da Hélia amazônica e dos povos da floresta, hoje assumida por milhões de pessoas no mundo inteiro. Bem cantou um poeta da floresta do Pará: "Ai! Amazônia! Amazônia! Enterraram Chico Mendes, só não se enterra a esperança" (João de Jesus Paes Loureiro). Essa esperança se transformou num esperançar (Paulo Freire), vale dizer a criação dos meios e das circunstâncias para realizar o que alguns chamam a Terra da Boa Esperança, a Terra respeitada e tida como a Grande Mãe Geradora.

***Leonardo Boff é ecoteólogo, filósofo e escreveu: Sustentabilidade e cuidado: como assegurar o futuro da vida, Editora Conhecimento Liberta, São Paulo 2025.**

EDITORIAL

O cuidado com a IA para a opinião pública

A ascensão das inteligências artificiais generativas trouxe ganhos inegáveis para a comunicação, mas também escancarou um problema cada vez mais urgente: o uso dessas ferramentas para fabricar e disseminar notícias falsas em grande escala.

O que antes dependia de tempo, coordenação humana e algum custo agora pode ser produzido em segundos, com aparência de credibilidade e alcance potencialmente ilimitado. A tecnologia, que deveria ampliar o acesso à informação, torna-se arma quando colocada a serviço da manipulação.

O perigo não está apenas na produção acelerada de conteúdo enganoso, mas na sua capacidade de simular fontes confiáveis, imitar estilos jornalísticos e explorar vieses emocionais da audiência. Textos, vídeos e até áudios falsos podem reforçar crenças distorcidas, alimentar polarizações e influenciar comportamentos sociais ou decisões políticas.

Em sociedades já tensionadas, a circulação de falsidades com aparência de verdade cria um ambiente em que a confiança pública, principal alicerce de qualquer democracia, se esfarela em questão de minutos.

Não se pode, porém, responsabilizar a tecnologia em si. O problema é humano: são pessoas, empresas e grupos organizados que utilizam a IA como ferramenta de desinformação. Mas é dever das plataformas, dos governos e da própria imprensa construir mecanismos de defesa. Isso inclui maior transparência nos modelos, políticas rigorosas de identificação de conteúdo sintético e investimento em educação midiática para que o público aprenda a reconhecer sinais de manipulação.

Ao jornalismo cabe papel central. Em um cenário saturado de ruídos, a busca rigorosa pela verificação e pela clareza se torna ainda mais essencial. A IA pode ser aliada, ajudando a checar fatos, organizar dados e ampliar o alcance da informação de qualidade. Porém, não substituirá o olhar crítico, ético e humano que diferencia notícia de propaganda.

Se não enfrentarmos agora a banalização do engano, corremos o risco de entrar em uma era em que a verdade deixa de ser um consenso possível e passa a ser apenas mais um produto algorítmico. A sociedade não pode aceitar esse futuro.

Opinião do leitor

Desabafo

O final da Fórmula 1 será emocionante no fim de semana que vem. Lando Norris tem tudo pra se sagrar campeão do mundo pelo jeito, porém, ainda aposte no Oscar Piastri.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: NOVO DECRETO DO TRIBUNAL ESPECIAL É PUBLICADO

As principais notícias do Correio da Manhã em 4 de dezembro de 1930 foram: Vargas vai publicar um novo decreto sobre o Tribunal Especial, para corrigir possíveis dualidades no anterior. Adolfo Bergamini-

ni toma posse como interventor do Distrito Federal. Oswaldo Aranha pede redução de seus vencimentos como ministro da Justiça. Costa Rica reconhece o novo governo brasileiro.

HÁ 75 ANOS: TROPAS CHINESAS E DA ONU BATALHAM NA COREIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 4 de dezembro de 1950 foram: Tropas Chinesas e da ONU travam batalhas na Coreia próximas ao paralelo 38. Assembleia-Geral da ONU pode decidir

a retirada de todas as tropas da Coreia. Comissão de Constituição e Justiça da Câmara diz ser legítima a convocação do Congresso até março. Abono de Natal em pauta na Comissão de Finanças.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Berthold (Diretor Geral)
patrickberthold@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Iye Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William Franga e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sá e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 77136-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP. CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.